41

NOVA HISTÓRIA DA

MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

ABRIL CULTURAL

ZÉ KÉTI

A VOZ DO MORRO (Jorge Goulart) DIZ QUE FUI POR AÍ (Nara Leão)
NEGA DINA / OPINIÃO (Nara Leão) ACENDER AS VELAS / MÁSCARA NEGRA (Dalva de Oliveira)

A VOZ DO MORRO (Zé Kéti), com Jorge Goulart e orquestra da Continental, sob a regência de Radamés Gnatalli. Do 78 rpm Continental n.º 17197, lançado em 30 de setembro de 1955.

Direitos autorais de Editora Musical Arapuã.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60216557.

Embora músicas de Zé Kéti fossem gravadas desde o ano de 1946, só com *A voz do morro* é que ele se tornou nacionalmente conhecido como compositor.

A música apareceu pela primeira vez no filme *Rio, 40 graus,* dirigido por Nélson Pereira dos Santos. Devido à pequena repercussão popular da película, ela só se tor nou conhecida a partir dessa gravação de Jorge Goulart — aliás, campeã no carnaval de 1956. Internacionalmente, *A voz do morro* foi gravada várias vezes, destacando-se os registros de Miguel Caló, Carlos Ramirez, Roberto Inglez e Gato Barbieri.

DIZ QUE FUI POR AÍ (Zé Kéti e H. Rocha), com Nara Leão e conjunto instrumental, destacando-se Geraldo Vespar ao violão. Do LP Elenco n.º ME-10, gravado em janeiro de 1964.

Direitos autorais de Fermata do Brasil Ltda.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60254629.

Uma das composições da época áurea do restaurante Zicartola, foi incluída no primeiro LP da cantora Nara Leão, na etiqueta Elenco. A música obteve tal sucesso que seus primeiros versos foram absorvidos pelo linguajar popular ("Se alguém perguntar por mim/ Diz que fui por aí"). Apesar de ter se tornado muito conhecida (graças ao esforço do próprio autor), a música acabou ficando estreitamente ligada a Nara Leão, talvez por adaptar-se muito bem a sua tranqüila interpretação.

NEGA DINA (Zé Kéti), com Zé Kéti e acompanhamento de conjunto instrumental. Do compacto simples Mocambo n.º COMPS 117, lançado em setembro de 1964.

Direitos autorais de Editora Musical Arlequim Ltda.

Nega Dina foi uma das músicas de autoria de Zé Kéti incluídas no show *Opinião,* estreado em dezembro de 1964 e que tantas alterações provocou na vida artística nacional. Frente à força de outras composições que faziam parte do mesmo espetáculo (como *Carcará,* de João do Vale e Zé Cândido, e *Opinião* e *Malvadeza Durão,* ambas de Zé Kéti), *Nega Dina* não tinha muitas chances de aparecer. No entanto, a expressiva interpretação do autor, aliada à reedição de um estilo que parecia ter desaparecido com Geraldo Pereira e Wílson Batista, fizeram com que ela se destacasse.

OPINIÃO (Zé Kéti), com Nara Leão e conjunto instrumental da Philips. Do LP Philips *A opinião de Nara,* n.º P 632732 L, gravado em setembro de 1964.

Direitos autorais de Editora Musical Arlequim Ltda.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60254610.

Música que deu nome ao importante show *Opinião* e a suas conseqüências (grupo de teatro, a própria sala teatral e um movimento plástico) e, obviamente, incluída no repertório do espetáculo, fez muito sucesso com a interpretação do próprio Zé Kéti. No entanto, mais uma vez, como aconteceu com *Diz que fui por aí,* tornou-se mais associada à interpretação de Nara Leão.

ACENDER AS VELAS (Zé Kéti), com Zé Kéti e conjunto instrumental sob a regência de Durval Ferreira. Do LP CID n.º 14016, gravado em 1970. Gravação original de Nara Leão, em LP Philips *A opinião de Nara,* n.º P 632732 L, gravado em setembro de 1964.

Direitos autorais de Editora Musical Arlequim Ltda.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60025018.

Considerada uma das melhores composições de Zé Kéti, *Acender as velas* inclui-se entre as músicas de protesto da fase posterior a 1964. Desmistificando a "beleza" do morro, a letra possui um impacto muito forte, criado pelo relato dramático do dia-a-dia miserável da favela. Apesar dessa composição ter conseguido popularidade na interpretação de Nara Leão e, posteriormente, de Elis Regina, aqui é apresentada na voz de Zé Kéti, um dos mais expressivos intérpretes de seu próprio trabalho.

MÁSCARA NEGRA (Zé Kéti e Pereira Matos), com Dalva de Oliveira e orquestra dirigida por Nelsinho. Do compacto simples Odeon n.º 7 B-197, lançado em 10 de janeiro de 1967.

Direitos autorais de Editora Musical Arapuã.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60183756.

A partir da década de 60, a música carnavalesca começou a sofrer rápido declínio. Nos salões repetiam-se os sucessos antigos e, nas ruas, predominavam os sambas de escolas. Foi surpreendente o repentino sucesso de *Máscara negra,* no carnaval de 1967, sobrepujando clássicos como *Mamãe eu quero, Jardineira* e *Alá-lá-ô*. Dalva de Oliveira foi em parte responsável pelo sucesso da música, apesar de parecer estar esquecida, defendendo um estilo de canto que se tornara "ultrapassado" pela bossa nova.

O MEU PECADO (Zé Kéti), com Paulinho da Viola e conjunto instrumental dirigido por Lindolfo Gaya. Do LP Odeon *Foi um rio que passou em minha vida,* n.º MOFB 3629, lançado em maio de 1970.

Direitos autorais de Editora Musical Arlequim Ltda.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60195193.

Zé Kéti reconhece que *O meu pecado* foi feita em parceria com Nélson Cavaquinho, seu compadre, responsável pela segunda parte da letra (a partir de "Nem com dinheiro as mulheres não me desejam mais"). Eles pertenciam a sociedades arrecadadoras diferentes e não podiam registrar a música como parceria. Combinaram então que ela ficaria no nome do primeiro que conseguisse a gravação. Zé Kéti teve mais sorte.

JAQUEIRA DA PORTELA (Zé Kéti), com Paulinho da Viola e conjunto instrumental da Odeon. Do LP Odeon n.º XSMOFB 3851, lançado em junho de 1975.

Registro no Conselho Nacional de Direitos autorais à disposição do autor.

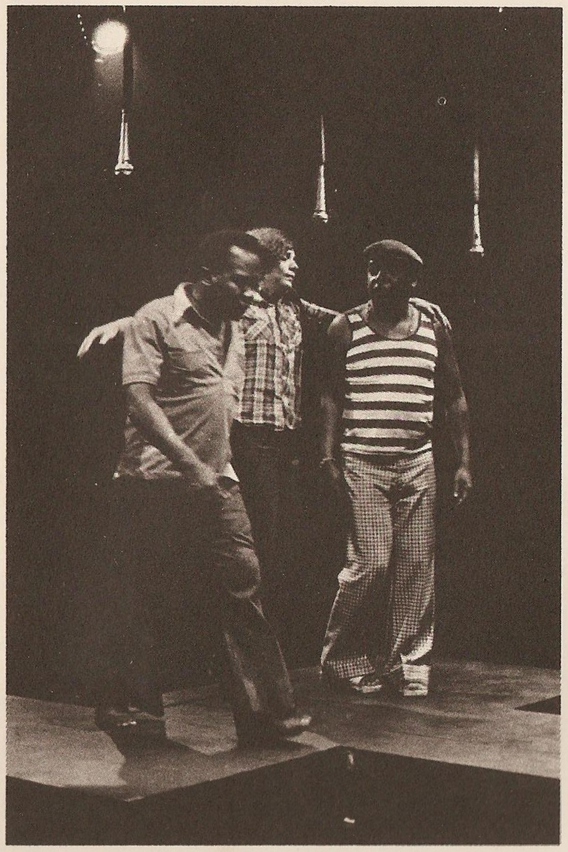
Esta é uma composição feita em homenagem à jaqueira que havia em frente à sede velha da Portela, derrubada para ser instalada uma cobertura sobre a quadra. A letra é muito bem desenvolvida e a melodia adequada. A interpretação de Paulinho, com sua peculiar ternura vocal, casa perfeitamente com a composição, onde tristeza e saudade são a tônica predominante.

A VOZ DO MORRO, O COMPOSITOR DE MUITOS CARNAVAIS: ESTE PORTELENSE SEM MÁSCARA NEGRA

Um sambista de opinião, herdeiro da poesia do pai (que lutou ao lado do Almirante Negro)

joão do vale, bethânia, zé kéti

João do Vale, Marília Medalha, Zé Kéti



chico nélson

O show **Opinião,** que estreou no fim de 1964, visava, entre outras coisas, a mostrar que a MPB é tanto mais expressiva quanto mais tem uma opinião. Zé Kéti integrou o espetáculo (ao lado de João do Vale e Nara Leão — e depois Maria Bethânia) como "uma nova riqueza de variação, (...) o novo sambista que anda por Copacabana, canta em faculdades, participa de filmes, ouve rádio e disco", segundo os autores, Ferreira Gullar, Oduvaldo Viana Filho e Armando Costa. O nome da peça foi tirado de um samba de Zé: "Podem me prender, podem me bater, que eu não mudo de **opinião**". Na página ao lado, o espetáculo em 1964, e, nesta, na adaptação de 1975.

Depõe José Flores de Jesus, carioca de Inhaúma:

— Meu pai morreu quando eu tinha três anos. Ele era supersticioso pra burro. Não tomava café na casa de ninguém, pessoa conhecida ou desconhecida, com medo de algum feitiço.

Depõe a mãe de José Flores:

— Depois que o pai do Zé morreu, eu fui trabalhar, primeiro na fábrica de tecidos Bangu e depois como doméstica, em casa de família. Como eu não podia levar o menino comigo, deixava ele na casa da vizinha.

Novamente José Flores:

— Mas um dia ele foi com minha mãe visitar uma ex-noiva dele. Lá, ele marcou bobeira e tomou um cafezinho. E nesse cafezinho tinha um pó-de-joana, uma mandinga qualquer. Quando ele saiu da casa da ex-noiva, já começou a ver coisa. Em casa ele pegava um garfo ou uma faca e atacava a própria sombra, dizendo que era uma pessoa que seguia ele. Por causa disso ele foi arrastado uma vez por um bonde e perdeu um pé debaixo de um trem, lá na estação de Dona Clara, onde a gente morava. Depois disso ele foi pro hospício e morreu louco.

De novo a mãe:

— Quando eu voltava, sempre perguntava: "Como é, o Zé ficou quietinho?" De Zé Quietinho, passou pra Zé Quieto, depois Zé Quéti. Daí teve uma época em que a letra *k* no começo do nome estava na moda, tinha Kennedy, Kubitschek, Kruschev. Estava dando sorte. Daí o Zé passou a escrever com *k* também.

Conclui José Flores, o Zé Kéti, neto e filho de músicos, brasileiro, crioulo latino-americano nascido a 16 de setembro de 1921, hoje sambista famoso:

— Daí na remontagem do show *Opinião,* em 1975, eu incluí este samba: "Meu pai morreu/ De uma xícara de café/ E nessa história entrou/ Um nome de mulher./ O velho bobeou,/ Entrou numa gelada,/ Falou sozinho,/ Muita gente deu risada./ Minha mãe conta/ Que meu pai era boêmio de verdade/ E sergipano Don Juan./ Conquistou uma cidade e/ Deixou um filho que sou eu,/ Com o nome de João Cabrero,/ Vascaíno e moro em Bento Ribeiro".

chico nélson/abril press

"Chegou a Portela, com suas pastoras, alegres a cantar"

João Dionísio de Santana, avô de José Flores de Jesus, costumava promover reuniões musicais em casa — rodas que varavam a noite e das quais participavam nomes que viriam a ser muito famosos na história da música popular nacional. Compositores da estatura de Pixinguinha ou de um Cândido "Índio" das Neves.

Josué Vale de Jesus, marinheiro sergipano, pai de Zé Kéti, continuou o costume do velho Dionísio. Promovia em casa encontros de chorões que só terminavam ao sol raiar. O menino Zé Flores, atento de olhos e ouvidos, nada perdia, até que, madrugada alta, o sono inevitável das crianças o embalasse numa noite de verão brasileiro, ao som distante-próximo de um chorinho sem parar.

Boêmio e chorão, poeta por natureza, Josué iria participar naturalmente de uma famosa rebelião libertária, em 1910, na Marinha, comandada por João Cândido, o Almirante Negro. Era a Revolta da Chibata, insurreição contra os castigos corporais infligidos aos marinheiros.

Os revoltosos conseguiram se apoderar dos encouraçados *Minas Gerais, São Paulo, Deodoro* e *Bahia,* no Rio de Janeiro. Exigiram do governo a abolição da chibata, aumento de soldo, melhoria na alimentação, menos horas de trabalho e anistia aos rebeldes. Simulando aceitar a negociação, as autoridades aprovaram a anistia e prometeram conceder as outras reivindicações. Mas, quando abandonaram as embarcações, os revoltosos foram presos, a maioria vindo a morrer nas masmorras da ilha das Cobras. Josué, que escapou de morrer na prisão política, morreu na prisão da mente, o hospício. E sua mulher casou de novo, dando a Zé Kéti um padrasto que queria que ele estudasse.

sérgio sade/abril press

Zé Kéti não é apenas o campeão de muitos carnavais: além de ter feito seus sambas inesquecíveis, é folião entusiasta e permanente divulgador de sua escola.

ATLETA DA MALANDRAGEM

— Ele queria que eu fosse doutor, dentista. Mas eu não quis bancar o Tiradentes, fiz até o quinto ano e depois preferi trabalhar: fui ser operário na fábrica de calçados Fox.

Chegou a idade de servir o Exército e Zé se alistou no Tiro de Guerra. Serviu junto com o amigo de infância Alfredinho, para quem fez um samba, nos idos de 1937, e do qual não se recorda bem. Depois o amigo morreu no navio *Baependi,* torpedeado na costa da Bahia, durante a Segunda Guerra Mundial. Zé Kéti não embarcara no *Baependi* porque estava servindo na Polícia Militar.

— Eu sabia que a Polícia Militar era a última a ser convocada, e por isso fui pra lá. Não deu outra: o Grupo de Artilharia onde eu tinha servido foi convocado e toda minha turma embarcou no *Baependi*. Mas eu fui pra Polícia Militar e ingressei no corpo de atletismo. No Tiro eu tinha sido um dos melhores nos 100 metros rasos, mas na PM só tinha corrida de fundo: a gente saía do quartel, na Rua São Clemente (Botafogo), dava a volta na Lagoa Rodrigo de Freitas e retornava ao quartel. Quando eu chegava tinha um monte de cara me esperando, vaiando, pois os outros já tinham chegado, tomado banho, comido e eu ainda estava correndo. Mas não larguei, porque atleta tem vida mansa, come comida melhorada, não dá guarda.

PASSAGEM OBRIGATÓRIA: CAFÉ NICE

Desde pequeno interessado em música, Zé Kéti cresceu vendo Noel Rosa fazer sucesso, acompanhando a fama da dupla Preto e Branco (de Herivelto Martins e Francisco Sena), de Ataulfo e suas pastoras e de muitos outros.

Zé Kéti esteve pela primeira vez no legendário Café Nice em 1939: com Luís Soberano, autor de *Não me diga adeus.* O Nice era na época o ponto de reunião da vida artística do Rio. Lá apareciam cantores procurando músicas novas com compositores da moda; apareciam compositores novatos cercando os cantores da moda. Era preciso paciência e peito

abril press

paulo salomão

pra encarar. Lá Zé Kéti conheceu Lúcio Batista, Geraldo Pereira, Francisco Alves.

Dessa fase é uma de suas primeiras marchinhas de carnaval: *"Se o feio doesse/* Eu gemia e tu choravas de dor/ Noite e dia./ Ó feio, ó feio,/ O vento da feiúra te apanhou em cheio".

— Não consegui gravação — lembra Zé Kéti —, mas todo mundo gostou e arranjei a minha primeira briga de autoria, porque um cara aprendeu e já começou a falar que a música era dele. Depois desistiu.

Em 1946, embora já fosse bem conhecido no Nice, Zé Kéti ainda não conseguira nenhum cantor para gravar suas composições. Foi quando mostrou para Ciro Monteiro (1913-1973) o samba *Vivo bem,* que fizera em parceria com Ari Monteiro: "Juro que sou feliz com meu amor./ Essa união eu agradeço a Nosso Senhor./ Eu agora vivo muito bem/ E sem ela nunca fui ninguém./ Quando menos esperava, ela voltou/ Para aliviar a minha grande dor/ E me pediu para perdoar, eu perdoei./ Ela chorou de emoção, eu chorei". Sempre bem-humorado, Ciro concordou em gravar:

— Gostei, mas só vou gravar porque você não é chato.

Segundo Zé Kéti, *Vivo bem* "não fez sucesso, mas vendeu alguma coisa".

nélson di rago

As andanças de Zé Kéti e de suas músicas pelo cinema brasileiro...

Quando saiu do Exército, Zé Kéti tentou dividir a vida profissional — empregara-se numa gráfica, a Mauá — com a vida boêmia dos velhos compositores. Mas o desregramento boêmio do Nice e das escolas de samba, que ele começava a freqüentar, impediam um mínimo de assiduidade e pontualidade no trabalho. Assim, teve o desprazer e o alívio de ver seu nome encabeçando uma lista de cortes.

Em compensação, em 1946 ele lança *Tio Sam no samba,* parceria com Felisberto Martins, então diretor artístico da Odeon, onde o samba foi gravado pelos Vocalistas Tropicais. Lembra Zé Kéti:

— Na época eles eram um conjunto respeitado, sobretudo por causa da ausência dos Anjos do Inferno, que estavam viajando pelo exterior. Fora eles, só havia outro conjunto, começando, os Quatro Ases e Um Coringa. A letra dessa música dizia: "Tenho de ensinar o português ao Tio Sam/ Pois brasileiro ele diz que é *brazilian*./ Ele não quer falar a nossa língua misturada/ Num samba-fox-embolada./ Que maçada!/ Em Hollywood deixará seu fraque e cartola/ E vem diretamente ao Rio para a minha escola,/ Para aprender a soletrar o nosso bê-a-bá/ E não vai mais voltar para lá".

PRIMEIRA ESCOLA DE ZÉ KÉTI: PORTELA

É o compositor Paulinho da Viola, portelense e espécie de historiador da escola, quem conta:

— O Zé era portelense antes mesmo da sede velha. Da época da jaqueira. O João Calça Curta, João Mendonça, era presidente da escola e tinha arranjado a estrutura de cobertura do ex-Museu de Cera, que tinha na Rua do Passeio. Para pôr a cobertura, derrubaram a jaqueira, e o Zé Kéti fez o samba *Jaqueira da Portela,* que eu também gravei.

No lugar da jaqueira ficou o botequim do Nozinho, irmão do famoso bicheiro Natal da Portela (1904-1975) e da "Tia" Vicentina, que também tem um botequim, do lado direito da quadra de samba.

Zé Kéti chegou na Portela ali por volta de 1939-40, com o samba de quadra intitulado *Jequitibá:* "Segura a Portela, com suas pastoras, alegres a cantar,/ Oba, ioiô,/ Oba, iaiá,/ Não tememos o vento, nem a tempestade, nem as lindas ondas do mar./ Chega, deixa isso pra lá,/ Chegou a Portela, com suas pastoras, alegres a cantar".

Mas é de outra composição sobre a escola que ele gosta mais:

— Uma das minhas maiores glórias é ter feito este samba, *Portela feliz,* que é quase um hino da escola: "Com teus cavaquinhos,/ Os teus pandeiros, as tuas cuícas,/ Os teus tamborins, chocalhos, surdos,/ São uma tentação./ Quem é que vem lá?/ É o povo quem diz:/ Vem a Portela, a Portela feliz,/ Com a velha guarda,/ Que é uma tradição./ Tua juventude/ Vem vibrante a cantar/ Um samba natural de Oswaldo Cruz/ Que, sem vaidade/ Sempre deixa uma saudade".

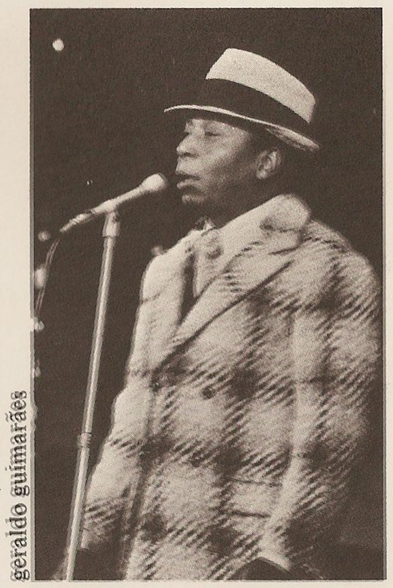
Zé Kéti recorda que foi por causa de uma disputa sobre a autoria do samba *Não quero morrer* que ele se afastou da Portela "em 1949 ou 50":

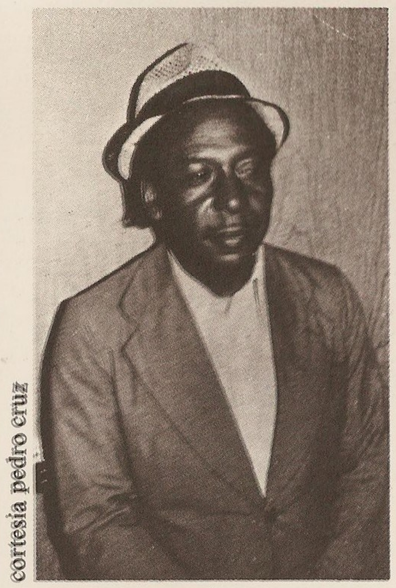
— O samba era bonito e fez sucesso. Daí, os amigos de um tal de Nílson, depois que ele morreu, vieram dizer que a música era dele. Só que ninguém tinha reclamado a música enquanto o tal Nílson estava vivo. O samba era assim: "Não, não quero morrer agora./ Ingrata morte, vai embora,/ Abandona meu leito de dor./ Peço clemência ao Senhor./ Estou em plena flor da idade./ Se eu morrer, do mundo levarei saudade./ Não, não, eu tenho filhos para educar,/ Eu tenho mulher para sustentar./ A minha mãe, pobre coitada, vai chorar./ Não, não, a boemia não poderei esquecer". Aí fiquei invocado com essa história de que a música não era minha e me mandei da escola. Fui para a Vaz Lobo.

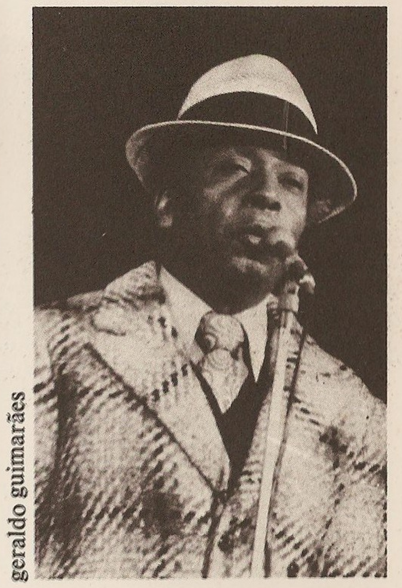
A VOZ DO MORRO VAI PARA O CINEMA

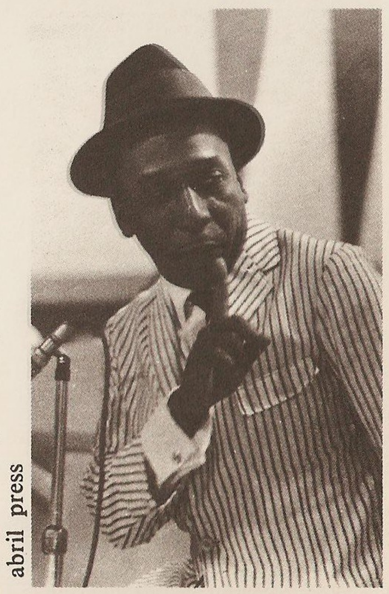
Em Vaz Lobo não ficaria mais de dois anos, mas lá faria seu samba mais conhecido, aqui e no exterior, o hoje clássico *A voz do morro* (1952). Zé guarda boas recordações daquela época:

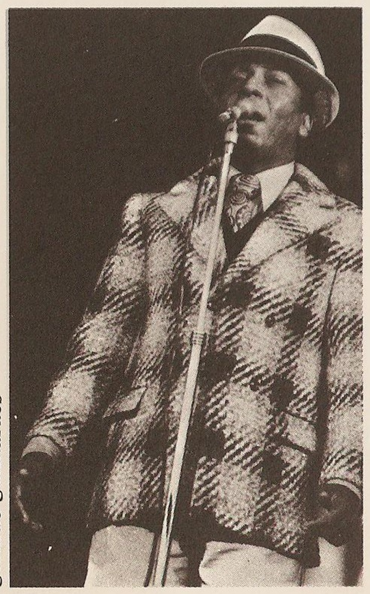
— Seu Amásio era o presidente da escola, um cara muito legal. Pra lá eu levei muita gente da sociedade, gente das rádios, da Marinha.

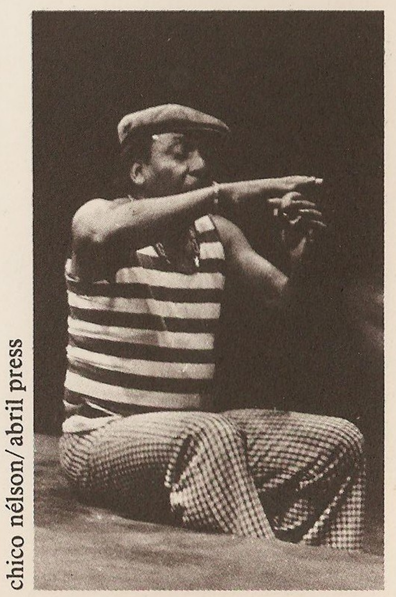

geraldo guimarães

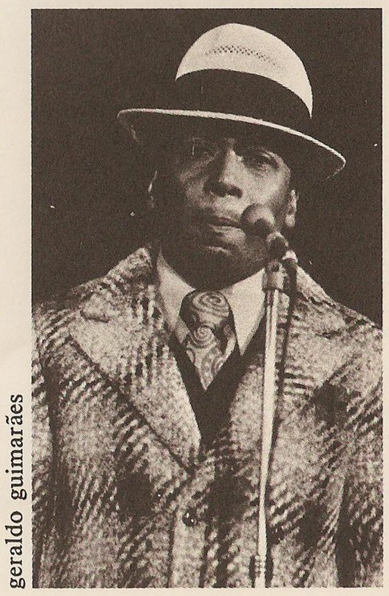

cortesia pedro cruz

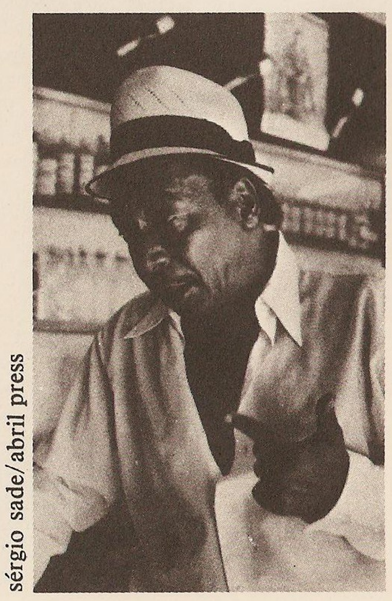

geraldo guimarães

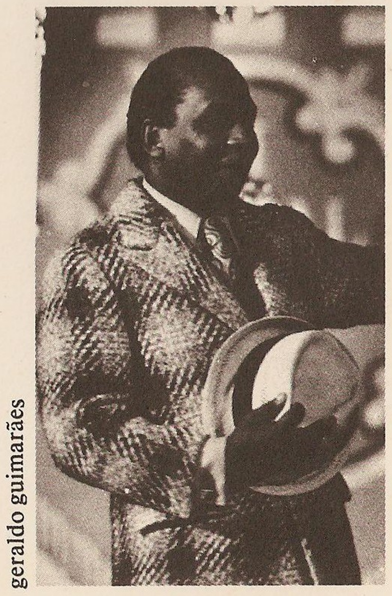

abril press


geraldo guimarães


chico nélson/abril press


geraldo guimarães


sérgio sade/abril press


geraldo guimarães

filó

Foi também naquela época que Linda Batista gravou na RCA Victor, para o carnaval de 52, o samba *Amor passageiro,* cujos versos iniciais exprimiam bem o espírito fugaz dos amores-relâmpagos vividos nas festas de Momo: "Não, não existe mais nada entre nós,/ Tudo se acabou./ Só me resta agora a saudade,/ Do amor, foi tudo o que ficou (. . .)".

Zé Kéti tinha feito a música *A voz do morro* em 1952. No entanto, a música ficou algum tempo na gaveta, até ser aproveitada no filme *Rio, 40 graus.* Jorge Goulart, primeiro de uma longa série de intérpretes que gravariam *A voz do morro,* ouviu, gostou e lançou como música de meio de ano, em 1954, com arranjo de Radamés Gnatalli. Mas acabou fazendo o maior sucesso com essa música no carnaval de 1955.

O diretor de cinema Nélson Pereira dos Santos, para quem Zé Kéti é, antes de tudo, "compadre e amigo", chamou o compositor, na época desempregado, para trabalhar no filme *Rio, 40 graus,* no ano de 1953. Zé seria o segundo assistente de câmara. Mas durante as filmagens as coisas tomaram outro rumo:

— Ele aproveitou e deu uma de ator também, e eu utilizei várias músicas dele na trilha sonora do filme. O samba *A voz do morro,* por exemplo, era abertura e encerramento da fita. Outra música dele que entrou foi *Leviana,* que, no filme, era transmitida pelos alto-falantes do Maracanã. Acho que *Rio, 40 graus* foi a grande oportunidade de Zé Kéti. A gente passava apertado, comia todo dia macarrão alho e óleo, ou sanduíche de mortadela. Só tinha sobremesa quando a mãe do assistente de câmara trazia umas mangas que ela colhia. Mas depois desse filme, Zé embalou na carreira artística.

Zé Kéti ainda "colocaria" os sambas *Malvadeza Durão* e *Foi ela* em *Rio, Zona Norte* (1957), de Nélson Pereira dos Santos; *A flor do lodo* em *O grande momento* (1958), de Roberto Santos; além de músicas para *O Boca de Ouro* (1962), de Nélson P. dos Santos; *A falecida* (1965), de Leon Hirszman; e *A grande cidade* (1966), de Carlos Diegues (filme no qual Zé colocou a composição homônima, feita em parceria com o diretor).

filó

...e o sucesso: "A voz do morro" (110 contos só em 1955)

Depois da primeira gravação, de 1954, por Jorge Goulart, o samba *A voz do morro* ainda seria registrado por estes cantores: Francisco Egídio, Cláudia Moreno (1956), Luís Arruda Pais e Orquestra (1957), Miguel Colé, Roberto Inglez, Fafá Lemos e Luís Bonfá (1958).

Passaram-se anos e o samba não foi esquecido: em 1969 é gravado pelos Demônios da Garoa; em 1970, por Blecaute; e, em 1971, pelo próprio autor.

Um dos mais caros e luxuosos programas de televisão, *Noite de gala* (TV Rio, canal 13), usava *A voz do morro* como prefixo. Mas Zé Kéti jamais foi consultado, nem sequer recebeu um tostão de direitos autorais.

Ainda assim, chegou a ganhar muito dinheiro com a composição. Conta ele que em 1955 recebeu 110 contos:

— Dinheiro à beça, dava pra comprar duas casas e sobrar grana, pois me ofereceram uma, na ilha do Governador, na época em que ainda não estava ligada com o continente, por 44 contos.

Zé Kéti, porém, preferiu comprar móveis "em estilo francês", retirando-se temporariamente da cena de batalha artística. Pois com o que restou da compra dos tais móveis, "deu pra ir à feira todos os domingos e ainda trazer duas sacolas de compras do mercado de Madureira, durante um bom tempo".

edson cláudio

O boêmio Zé Kéti foi um dos grandes promotores do Zicartola e da velha guarda

Zé Kéti só reapareceria no meio artístico em 1963, quando passou a freqüentar o Zicartola, perto do Largo São Francisco, no Rio de Janeiro. Relembra Angenor de Oliveira, o Cartola:

— Era uma casa cedida pelo Estado, e a gente fazia reuniões de samba; muita gente boa das escolas de samba aparecia por lá. Daí me juntei a quatro rapazes que sempre estavam por lá, e que tinham algum dinheiro, e montamos uma casa que recebeu o nome de Zicartola. Zica, por causa da minha mulher, que ia fazer os quitutes pra servir, e Cartola, por minha causa: eu ficava tocando e cantando. O Zé Kéti, que tinha muito jeito pra fazer contatos, era uma espécie de mestre-de-cerimônias, era como um anfitrião da casa, incumbido de levar gente pra lá. Ele começou a inventar coisas, noite disso, noite daquilo. Às segundas, por exemplo, era a noite do encontro do samba. Nas quintas, ele fazia a noite das homenagens. Élton Medeiros, Nélson Cavaquinho, Paulinho da Viola, eu mesmo, todos fomos descobertos ou redescobertos lá no Zicartola, graças à força de vontade do Zé Kéti. A casa virou moda, ia uma porção de gente da Zona Sul, chegava a ter fila.

A bossa nova — que iniciara com Johnny Alf, João Gilberto, Donato e Tom Jobim uma revolução rítmica e harmônica na música popular brasileira — inclinava-se, num segundo momento, para a "temática social". Seus compositores e intérpretes, universitários e/ou pequenos burgueses da zona elegante do Rio, começaram a se voltar para as fontes populares básicas: fome, retirantes, favela. Essa aproximação entre compositores populares "cultos" e "incultos" representou muito mais que simples apropriação da cultura popular: promoveu intenso intercâmbio de temas e linguagens musicais e poéticas, conforme se depreende do que diz Carlos Lyra:

— Naquela época, por volta de 1964, a bossa nova ainda era muito curtida. Mas já havia uma tendência, dentro dela, de buscar as origens populares ou raízes. Daí eu fiz uma combinação com Zé Kéti: ele me levava ao morro, às es-

abril press

abril press

edson cláudio

Na página ao lado, no alto, Ciro Monteiro e Paulinho da Viola, dois grandes divulgadores do trabalho de Zé Kéti (embaixo, batendo caixa de fósforo). Nesta página, em cima, Zé com Élton e Nélson Cavaquinho (no Zicartola) e, acima, com Cartola.

colas de samba, e me apresentava aos chamados "compositores autênticos" e, em contrapartida, eu o levava à Zona Sul e o apresentava (e às suas músicas) à turma da bossa nova. Como resultado dessa combinação, inclusive, nós fizemos um samba, chamado *Samba da legalidade* ("Dentro da legalidade,/ Dentro da honestidade,/ Ninguém tira o meu direito./ Eu não sou politiqueiro,/ Meu negócio é um pandeiro").

O MOVIMENTO "OPINIÃO": MAIS DEPOIMENTOS

Oduvaldo Viana Filho (1936-1974), Ferreira Gullar e Armando Costa também começaram a freqüentar o Zicartola e surgiu entre eles a idéia de fazer um show musical, uma coisa nova no teatro brasileiro.

— A peça *Opinião* — recorda Zé Kéti — juntou três pessoas completamente diferentes, mas que possuíam a mesma opinião: eu, o malandro carioca dos morros; Nara Leão, a mocinha rica da Zona Sul; e João do Vale, o imigrante maranhense. A Nara ficou doente e foi substituída pela Bethânia. O nome da peça foi tirado do meu samba *Opinião:* "Podem me prender,/ Podem me bater,/ Que eu não mudo de opinião:/ Daqui do morro eu não saio não". Essa composição foi gravada com sucesso por Nara Leão, Elis Regina e Jair Rodrigues. Os três autores da peça passaram algum tempo discutindo o texto, tomando depoimentos, e, afinal, *Opinião* estreou no fim de 1964, num pequeno teatro de um shopping center da Rua Siqueira Campos, em Copacabana. O teatro também recebeu o nome Opinião, assim como o grupo teatral e o movimento plástico que surgiu em seguida.

Em 1975 houve uma nova montagem do *Opinião,* feita por Bibi Ferreira. Paulo Pontes (1940-1976) substituiu partes do texto, atualizando-o, e acrescentaram-se algumas músicas novas, mas o conteúdo continuava o mesmo e ainda atual. Nara Leão não quis entrar nessa remontagem, nem Bethânia, argumentando que era perigoso jogar com a nostalgia; então Marília Medalha pegou o papel da garotinha burguesa.

— Uma das minhas músicas foi censurada no show *Opinião,* não sei por quê — recorda Zé Kéti. — No Rio e em Porto Alegre ela passou legal, mas em São Paulo foi proibida. Chamava *Notícia de jornal,* e dizia: "Moro longe,/ Lá na Zona Norte./ Compro jornal da manhã/ Pra saber das novidades./ Foi o jornal que disse/ Que morrem quinhentas crianças por dia./ Eu digo o que leio,/ Não digo o que vejo,/ Porque o que vejo/ Não devo dizer./ Eu acho que a infância precisa viver./ Foi o jornal que disse/ Que a vida subiu 400%./ Eu digo o que leio,/ Não digo o que vejo,/ Porque o que vejo/ Não devo dizer./ Eu acho que o povo precisa comer".

Aproveitando o embalo de popularidade proporcionado pelo show *Opinião,* e valendo-se de suas relações no Zicartola, em 1964, Zé Kéti gravou na Musidisc um disco reunindo os melhores compositores e intérpretes do "samba de morro". Luiz Bittencourt, diretor artístico da gravadora, convidou-o para fazer um LP de músicas dele, cantadas por ele mesmo. Mas Zé resolveu que devia tentar levar à profissionalização os amigos que se exibiam no Zicartola. E convidou vários deles para mostrarem suas músicas a Luiz Bittencourt.

O conjunto, formado por Jair do Cavaquinho, Anescarzinho do Salgueiro, Zé Cruz (da Mangueira), Oscar Bigode (da Portela), Nélson Sargento (da Mangueira), Élton Medeiros (da Aprendizes de Lucas) e Paulinho da Viola, acabaria recebendo o nome de A Voz do Morro, o mesmo título do samba de maior sucesso de Zé Kéti. No Rio, o grupo ganhou, em 1964, um prêmio como o melhor conjunto autêntico de samba, e o disco foi premiado também pela prefeitura de São Paulo.

Mesmo transformado em "famoso sambista brasileiro" após o show *Opinião,* Zé Kéti não ficou rico. Queixa-se de que já teve tudo como compositor — menos dinheiro. Nem a malandragem adquirida nos morros foi suficiente para que descobrisse como viver de direitos autorais. Sua melancolia meio fatalista encontraria boa parceria em outro compositor e boêmio, que nunca nem tentou ficar rico: Nélson Cavaquinho.

Pecado e controvérsias; sesquicentenário e prejuízo

joel maia

filó

Sempre levando um samba novo ou uma alegria de carnaval (qualquer que seja a época do ano), Zé Kéti é um protótipo do compositor brasileiro e, sobretudo, do carioca. Por isso, algumas de suas músicas foram aproveitadas no filme **Rio, Zona Norte** (1957), de Nélson Pereira dos Santos, que narrava exatamente a dura história de um compositor popular do morro (interpretado por Grande Otelo). Também por isso ele contracenou com "Zé Tamborim", um personagem de Chico Anísio que juntava verve, malícia e um grande desejo de aparecer como sambista (foto abaixo).

Com Nélson Cavaquinho, Zé Kéti fez *Não sou feliz* (1957), gravado por Jorge Goulart na Continental: "Muita gente diz que é/ Feliz no amor,/ Mas eu não sou./ Gostaria de beijar/ E ser beijado/ Pra não viver assim abandonado./ Eu já tive amores,/ Hoje eu vivo assim./ Ninguém tem pena de mim".

Outra parceria famosa de Zé Kéti com Nélson Cavaquinho foi *O meu pecado:* "O meu pecado/ Foi querer na minha mocidade/ Amar tantas mulheres./ O tempo já passou,/ Eu tenho saudade". Famosa não só pela beleza dos versos e da melodia, mas também pela controvérsia autoral que gerou.

Zé Kéti relembra:

— Teve gente que chegou a dizer que eu tinha roubado a música do Nélson. O problema é que a gente pertencia a sociedades-arrecadadoras diferentes e não podia registrar a música no nome dos dois. Então nós combinamos que a música ficaria no nome de quem conseguisse gravação primeiro. Eu dei mais sorte e fiquei sozinho na música.

Em 1970, Zé Kéti separou-se da mulher, Dona Guilhermina da Silva de Jesus, depois de onze anos de casamento. Deixou com ela os quatro filhos do casal: Bárbara (nascida em 1953), José Carlos (nascido em 1955), Geisa (nascida em 1963) e Eliane (nascida em 1976). Dois anos depois, tentou acrescentar um bom dinheiro ao sucesso que já havia conseguido:

— Em 1972, para as comemorações do Sesquicentenário da Independência, eu resolvi fazer um disco com marchas, falando de quase todos os Estados brasileiros. Um disco que poderia fazer sucesso e tirar uma grana, pois o Exército, o Itamarati, as Secretarias de Turismo poderiam comprar para distribuir. Além disso, eu queria mostrar que não sou apenas compositor de samba do morro. Isso é o que eu gosto de fazer, mas precisava mostrar que sabia fazer também uma marcha, era um cara versátil. Só que não deu certo: o disco saiu muito em cima da parada de 7 de setembro e quase ninguém ficou sabendo. Tive um prejuízo enorme, pois eu mesmo produzi o disco, com capa feita pela revista "O Cruzeiro", e não consegui vender quase nada.

nélson di rago

Zé Kéti por José Flores de Jesus: um repórter do cotidiano

abril press

-Sabe, vida de sambista é uma história. E a gente sempre procura contar a vida que passou, nos sambas que a gente fez. Apesar de portelense, sempre me dei bem em várias escolas. Uma escola querida é a Mangueira, do Cartola, que deu as cores verde e rosa à bandeira e o nome de Estação Primeira. Mangueira da Zica, das comidas típicas, da Dona Neuma, filha do Saturnino; do Pelado, do Comprido, do Preto Rico e do Padeirinho. Este, por exemplo, me livrou uma vez de uma cilada. Tinha uns caras que estavam querendo me pegar por causa de uma mulata. Daí eu fiz este samba: "Um menino de morro arrumou uma pá pra me pegar:/ Mais ou menos uns seis iam me abotoar./ Já traziam as velas para me iluminar./ Um amigo do peito livrou-me por certo de uma cilada./ Bateu pro menino assim:/ 'Cuidado, que ele é meu camarada,/ É moço direito e não é de nada'./ Avisei depressa a rapaziada:/ 'O menino é valente/ E mete a mão nas armas./ Não tem nada pra perder./ Ficou com ciúmes/ De mim com a cabrocha,/ Por isso eu ia morrer'./ A garota era dele e eu não sabia,/ Por isso, quase entrei numa fria./ Hoje encontro a moça bem longe do morro,/ Não há mais perigo". No começo da minha carreira sofri muito na Galeria Cruzeiro, no Café Nice, no Largo da Carioca, na Praça Tiradentes. Andava quilômetros de corredores das rádios Tupi, Mayrink Veiga, Nacional e Tamoio. Passei muita fome e disputava cafezinho e pão simples no palitinho. Quando morava em Bento Ribeiro, por exemplo, levava quase uma hora de trem para chegar até o centro. Quando não atrasava. Daí eu fiz um samba comentando os assaltos nos trens de subúrbio, à noite. [*Assalto,* gravado por Germano Matias em 1965.]

Assim é Zé Kéti, o sambista. Capaz de desenrolar intermináveis histórias sobre apertos e intrigas da malandragem, sempre entremeadas de sambas para ilustrar o que vai contando. Um homem famoso e pobre, ainda capaz de pensar em projetos mirabolantes como a Bolsa de Valores da Música Popular Brasileira (espécie de festival permanente, aberto aos novos) ou a linha de barcos Paquetá—Itaoca, lugarejo a uma hora de Niterói, onde vive, recebe os repórteres e sonha o poeta e compositor brasileiro José Flores de Jesus, dito Zé Kéti.

A VOZ DO MORRO

Eu sou o samba
A voz do morro
Sou eu mesmo, sim senhor
Quero mostrar ao mundo
Que tenho valor
Eu sou o rei dos terreiros
Eu sou o samba
Sou natural
Daqui do Rio de Janeiro
Sou eu quem leva a alegria
Para milhões de corações brasileiros
Mais um samba
Queremos samba
Quem está pedindo
É a voz do povo do país
Viva o samba
Vamos cantando
Esta melodia pro Brasil feliz

DIZ QUE FUI POR AÍ

Se alguém perguntar por mim
Diz que fui por aí
Levando o violão embaixo do braço
Em qualquer esquina eu paro
Em qualquer botequim eu entro
Se houver motivo
É mais um samba que eu faço
Se quiserem saber se volto
Diga que sim
Mas só depois que a saudade se
[afastar de mim
Tenho um violão para me acompanhar
Tenho muitos amigos, eu sou popular
Tenho a madrugada como companheira
A saudade me dói, o meu peito me rói
Eu estou na cidade, eu estou na
[favela
Eu estou por aí
Sempre pensando nela

NEGA DINA

A Dina subiu o morro do Pinto
Pra me procurar
Não me encontrando, foi ao morro
[da Favela
Com a filha da Estela
Pra me perturbar
Mas eu estava lá no morro de São
[Carlos
Quando ela chegou
Fazendo um escândalo, fazendo
[quizumba
Dizendo que levou
Meu nome pra macumba
Só porque faz uma semana
Que não deixo uma grana
Pra nossa despesa
Ela pensa que minha vida é uma
[beleza
Eu dou duro no baralho
Pra poder comer
A minha vida não é mole, não
Entro em cana toda hora sem
[apelação
Eu já ando assustado, sem paradeiro
Sou um marginal brasileiro

OPINIÃO

Podem me prender
Podem me bater
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro
Eu não saio, não

Se não tem água
Eu furo um poço
Se não tem carne
Eu compro um osso
E ponho na sopa
E deixa andar
Fale de mim quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu

ACENDER AS VELAS

Acender as velas
Já é profissão
Quando não tem samba
Tem desilusão
É mais um coração
Que deixa de bater
Um anjo vai pro céu
Deus me perdoe
Mas vou dizer
O doutor chegou tarde demais
Porque no morro
Não tem automóvel pra subir
Não tem telefone pra chamar
E não tem beleza pra se ver
E a gente morre sem querer morrer

MÁSCARA NEGRA

Tanto riso, oh quanta alegria
Mais de mil palhaços no salão
Arlequim está chorando pelo amor
Da Colombina
No meio da multidão

Foi bom te ver outra vez
Tá fazendo um ano
Foi no carnaval que passou
Eu sou aquele pierrô
Que te abraçou
Que te beijou, meu amor
A mesma máscara negra
Que esconde o teu rosto
Eu quero matar a saudade
Vou beijar-te agora
Não me leve a mal
Hoje é carnaval

O MEU PECADO

O meu pecado
Foi querer na minha mocidade
Amar tantas mulheres
O tempo já passou
Eu tenho saudade
O meu pecado
Foi passar noites em serestas
E bebendo por aí
Pela cidade
Nem com dinheiro as mulheres
Já não me desejam mais
Ai, se eu pudesse
Voltaria ao meu tempo de rapaz

JAQUEIRA DA PORTELA

Quem é que não se lembra
Da jaqueira
Da jaqueira da Portela
Velha jaqueira
Amiga e companheira
Eu sinto saudades dela
Guardei algumas folhas para
[recordação
Ninguém fez, mas eu fiz a minha
[oração
Na hora do seu sacrifício eu pensei
Ninguém me viu chorar
Mas juro que chorei
Acompanhou as nossas glórias
Nossas vitórias
Em idos carnavais
Eu quero morrer sambando
Assim que nem ela
Minha fiel jaqueira
Saudosa companheira
Que caiu pra defender nossas cores
Hoje nossa estrada só tem flores

PROIBIDA A VENDA EM SEPARADO

ESTE DISCO FAZ PARTE DO FASCÍCULO

NOVA HISTÓRIA DA

MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

ZÉ KÉTI

ABRIL CULTURAL

LADO 1

℗ 1978

1 - A VOZ DO MORRO *(Zé Kéti)* Jorge Goulart (Continental)
2 - DIZ QUE FUI POR AÍ *(Zé Kéti e H. Rocha)* Nara Leão (Elenco) 60254629
3 - OPINIÃO *(Zé Kéti)* Nara Leão (CBD-Phonogram) 60254610
4 - ACENDER AS VELAS *(Zé Kéti)* Zé Kéti (CID)

HMPB-41-A

FAB. POR RCA ELETRONICA LTDA. AV. ENG. BILLINGS, 2227, SP. CGC 61.126.074/0002-44. SCDP-DPF-0017/68
COM MATRIZES DE RCA RECORDS. TM(S) ® MARCA(S) REGISTRADA(S). USADAS POR AUTORIZAÇÃO DE RCA
CORPORATION. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, A EXECUÇÃO PÚBLICA E A RADIO
TRANSMISSÃO DESAUTORIZADAS. IND. BRAS. ABRIL S. A. CULTURAL E INDUSTRIAL CGC 60.592.059/0001-55

PROIBIDA A VENDA EM SEPARADO

ESTE DISCO FAZ PARTE DO FASCÍCULO

NOVA HISTÓRIA DA

MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

ZÉ KÉTI

ABRIL CULTURAL

LADO 2

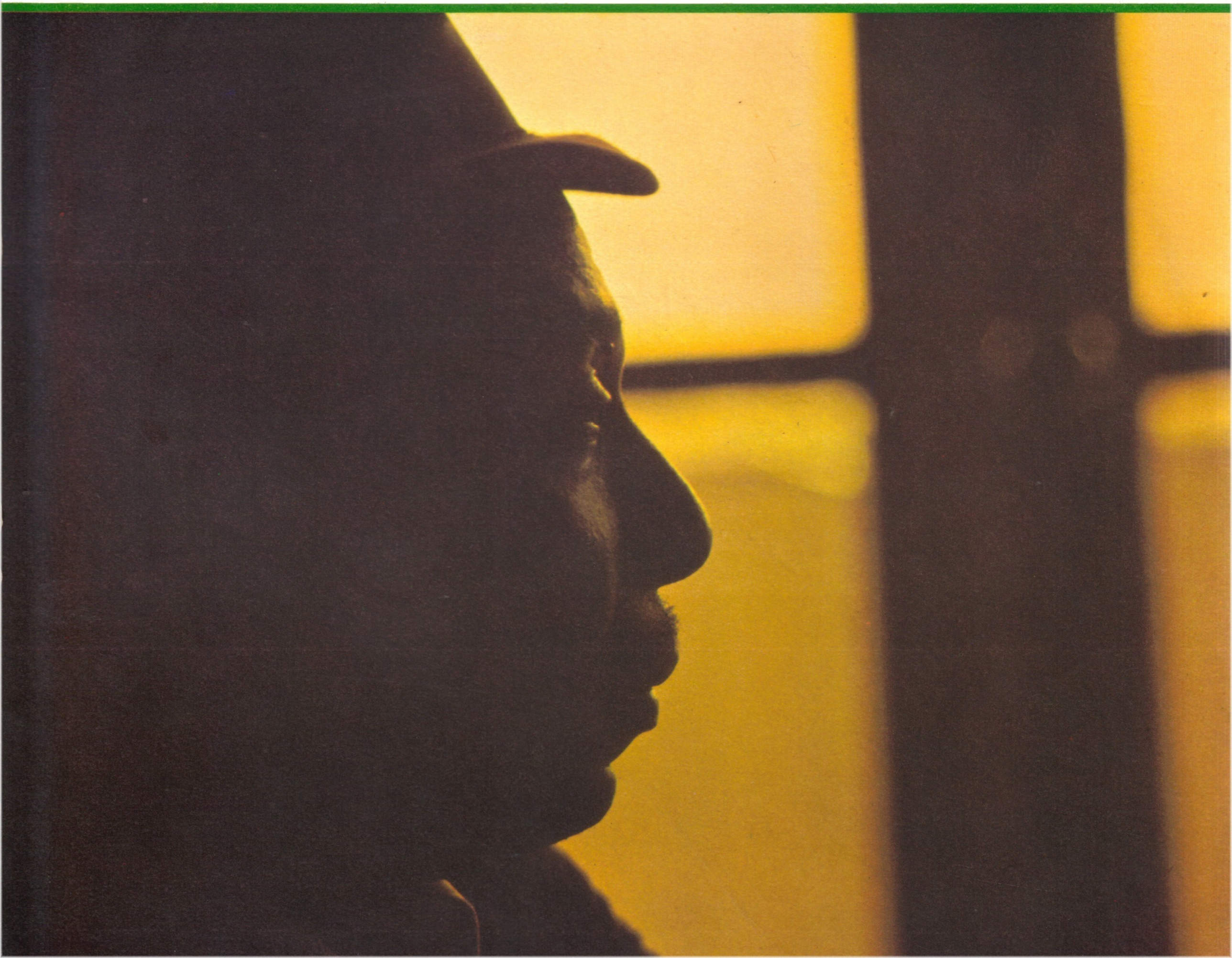
℗ 1978

1 - NEGA DINA *(Zé Kéti)* Zé Kéti (Mocambo)
2 - MÁSCARA NEGRA *(Zé Kéti e Pereira Matos)* Dalva de Oliveira (EMI-Odeon)
3 - O MEU PECADO *(Zé Kéti)* Paulinho da Viola (EMI-Odeon) 60195193
4 - JAQUEIRA DA PORTELA *(Zé Kéti)* Paulinho da Viola (EMI-Odeon)

HMPB-41-B

FAB. POR RCA ELETRONICA LTDA. AV. ENG. BILLINGS, 2227, SP. CGC 61.126.074/0002-44 SCDP-DPF-001/69
COM MATRIZES DE RCA RECORDS. TM(S) ® MARCA(S) REGISTRADA(S) USADAS POR AUTORIZAÇÃO DE RCA
CORPORATION. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO. A EXECUÇÃO PÚBLICA E A RADIO
TRANSMISSÃO DESAUTORIZADAS. IND. BRAS. ABRIL S. A. CULTURAL E INDUSTRIAL CGC 60.598.059/0001-55

NOVA HISTÓRIA DA

MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

ABRIL CULTURAL